



MINHAS ESCREVIVÊNCIAS

Arte e escrita de estudantes
da primeira série do
ensino médio

Autores

Inimar Santos Júnior

Vivianne Fleury de Faria

Ciar UFG

© 2026 Inimar Santos Junior

© 2026 Ciar UFG



Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Universidade Federal de Goiás · UFG

Reitoria

Sandramara Matias Chaves

Vice-Reitoria

Camila Cardoso Caixeta

Pró-reitoria de Pós-Graduação

Laura Vilela Rodrigues Rezende

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica · PPGEEB

Coordenação

Glauco Roberto Gonçalves

Vice-Coordenação

Ima Socorro Gonçalves Vieira

Minhas Escrevivências: Arte e escrita de estudantes da primeira série do ensino médio

Autores

Inimar Santos Junior

Vivianne Fleury de Faria

Centro Integrado de Aprendizagem em Rede · CIAR

Diretoria

Janice Lopes

Vice-diretoria, Coordenação Administrativa e Financeira

Sílvia Figueiredo

Coordenação de Comunicação

Raniê Solarevisky de Jesus

Coordenação Pedagógica e Gestão Moodle

Janice Lopes

Coordenação de Tecnologia da Informação

Amilton Araújo

Coordenação de Gestão de Projetos e Publicação

Ana Bandeira

Coordenação de Inovação e Interface

Victor Hugo César Godoi

Direção de Arte

Renato Galhardo Neto

Identidade Visual / Projeto editorial / Diagramação

Leandro Pimentel

Ilustração da Capa

Mariana Mourão Miranda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) GPT/BC/UFG

S327 Santos Júnior, Inimar.

Minhas escrevivências : arte e escrita de estudantes da primeira série do ensino médio [Ebook] / Inimar Santos Júnior, Viviane Fleury de Faria. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF) - Goiânia : Ciar UFG, 2026.

Inclui bibliografia.

ISBN (E-book): 978-65-85278-83-6

1. Evaristo, Conceição, 1946-. 2. Ensino médio - Narrativas pessoais. 3. Literatura - Educação. I. Faria, Viviane Fleury de.

CDU: 373.5

Produto realizado com apoio do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação (PPGEED) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio do Edital n. 05/2025 de "Apoio a Produtos e Materiais Educacionais vinculados a trabalhos de dissertação de discentes do PPGEED".

Este e-book foi desenvolvido pela Equipe de Publicação do CIAR / UFG.

Todo o conteúdo deste material é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Os produtos dispostos aqui podem ser usados e compartilhados por terceiros, inclusive em sala de aula e pesquisas acadêmicas, desde que acompanhados dos créditos de seus autores.

A distribuição é gratuita e o uso comercial estritamente proibido.

SUMÁRIO

Introdução	01
------------	----

1. Conceição Evaristo: a escrita das vivências	05
---	----

2. A hora da leitura	10
----------------------	----

Considerações finais ²	32
-----------------------------------	----

Referências	34
-------------	----

Apêndice A - Planos de aula	37
-----------------------------	----

Introdução

Este produto educacional integra a dissertação de mestrado *Conceição Evaristo: a leitura de contos no processo de formação do leitor literário*. Seu conteúdo apresenta como elemento principal as produções realizadas pelos alunos nas aulas em que realizamos a leitura dos contos escolhidos da obra *Olhos d'água*, da escritora mineira Conceição Evaristo. Essas leituras possibilitaram debates de temas importantes como o racismo, a violência contra a mulher, o trabalho infantil e dramas familiares. Além desses temas, a leitura dos contos proporcionou maior representatividade de nossa própria formação social, uma vez que os personagens são negros e vivenciam, nos enredos, conflitos que se manifestam de forma mais acentuada nesse grupo étnico. Foram selecionados quatro contos para leitura e estudo, a saber: “Olhos d'água”, “Maria”, “Ayolwua, a alegria de nosso povo” e “Lumbiá”.

Um dos contos que os alunos mais gostaram foi “Maria”. Nesse conto, há uma personagem que trabalha como empregada doméstica e que, em certo dia, está retornando do trabalho para casa. No dia anterior, aconteceu uma festa na casa da patroa e, por isso, Maria havia trabalhado muito. Ainda assim, estava contente, pois trazia para casa algumas sobras da festa, que incluía frutas e um osso de pernil.

“Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço” (Evaristo, 2020, p. 39).

No percurso de volta para casa, Maria encontra seu ex-companheiro dentro do ônibus coletivo. Os dois têm uma conversa amigável; o homem pergunta sobre o filho e pede para que Maria lhe leve um abraço. Depois de se despedir de Maria, o homem saca uma arma, e seu outro parceiro anuncia um assalto. O comparsa veio do fundo do ônibus, recolhendo os pertences dos passageiros. A dupla desce do ônibus e vai embora. Contudo, os passageiros começam a acusar Maria de fazer parte da dupla de assaltantes e partem para a agressão física. Maria não resiste aos ferimentos, e, quando a polícia chega, seu corpo está estendido no chão.

A leitura desse conto surpreendeu muito os alunos por causa do impacto provocado por uma realidade que atinge muitas pessoas negras, vítimas de suspeitas e preconceitos de várias naturezas em nossa sociedade. Ver isso em uma obra literária permite uma reflexão crítica sobre essa realidade e colabora para uma autorreflexão sobre nossas atitudes e crenças. Isso nos habilita a tener uma noção mais concreta de algumas dificuldades que o negro brasileiro vivencia em seu cotidiano. Vale lembrar que o espaço da escola também pode abrigar situações de preconceito e racismo, daí a importância de abordar e refletir sobre essas temáticas no ambiente escolar.

Nesse sentido, acreditamos que a boa formação do leitor literário na educação básica deve se apoiar em uma formação antirracista que colabora para a formação humana, tornando o discente mais crítico e reflexivo, consciente de que nossa formação histórico-social advém de outros povos e culturas africanas. Esse é um passo importante para que, em alguns casos, os discentes se reconheçam como negros e estejam orgulhosos de sua ascendência afro-brasileira. Por isso, incentivar a leitura literária sem prescindir da literatura afro-brasileira torna-se fundamental, visto que, provavelmente, muitos só terão sua iniciação na leitura de obras literárias no espaço da escola.

p. 3

É a partir do hábito da leitura que as crianças desenvolvem e praticam a interpretação de texto, a escrita e a ampliação do vocabulário. A leitura literária forma a base do imaginário pessoal. Problemas referentes ao amor, à morte, ao ódio, à tristeza, ao casamento e às relações humanas são temas sempre presentes na literatura. Desse modo, as pessoas, em especial os mais jovens em idade escolar, podem extrair experiências, valores e formas de encarar as mais diversas situações. Tudo isso auxilia no crescimento moral, intelectual, emocional e social dos estudantes.

As produções dos estudantes participantes ¹ deste estudo constituem um esforço para implementação da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas do país. A escola tem o poder de transformar e agregar valores, abordando temas como a contribuição que os povos negros deram para o conhecimento científico e tecnológico e mostrando o continente africano sob outra perspectiva, como forma de desconstruir mitos e preconceitos a respeito das origens africanas.

Concordamos com Gill (2020) ao afirmar que os alunos não deveriam ser expostos aos textos literários para aprender literatura, mas para conhecer a literatura, vivenciar a leitura literária, construindo um repertório a partir do conhecimento de diversos gêneros, autores e estilos, para fruir do prazer estético do texto e, com isso, aprender a identificar suas preferências como leitores literários. Daí a nossa proposta de apresentar a literatura afro-brasileira como um estilo que não pode faltar à formação leitora dos jovens em idade escolar.

p. 4

O ensino da literatura não se justifica com uma finalidade pragmática, mas por contribuir com a formação do aluno como indivíduo social ou nas palavras de Candido (1999), por sua função humanizadora. Segundo o crítico, a literatura satisfaz a necessidade universal de fantasia, contribui para a formação da personalidade e faculta uma maior compreensão da realidade, pois o leitor incorpora à sua experiência humana aquilo que lhe é oferecido pela leitura literária. As produções escritas dos alunos apresentadas neste e-book evidenciam isso. A literatura provoca o leitor a pensar e a refletir sobre sua realidade.

Outrossim, a própria família pode desempenhar um papel-chave na formação do leitor literário. Se as primeiras experiências com a linguagem dão origem a esse processo, então os exemplos dos pais, dos irmãos mais velhos e de todos os que convivem com as crianças representam modelos a serem imitados. Ler para e junto com a criança na fase pré-escolar constitui uma base importante para as primeiras experiências com o universo da fabulação. Ao mesmo tempo, percebemos o espaço escolar como locus privilegiado para a formação de leitores, pois atua como um dos espaços de democratização do acesso ao livro, visto que a maioria das escolas conta com espaços destinados à biblioteca.

Por conseguinte, apresentamos este produto educacional em formato de e-book resultante da pesquisa de mestrado intitulada Conceição Evaristo: a leitura de contos no processo de formação do leitor literário, do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do CEPAE/UFG. Esse estudo, definido como uma pesquisa-ação, com base em Gil (2019), foi desenvolvido em uma escola da rede estadual de Goiás, com um grupo participante de 30 estudantes de uma turma do 1º ano do Ensino Médio. O aporte teórico reuniu vários autores que se dedicam à produção intelectual de crítica literária e à discussão da cultura afro-brasileira. Ao longo do estudo e da aplicação da sequência didática, os estudantes realizaram a leitura de quatro contos selecionados da obra de Evaristo: Olhos d'água, Maria, Lumbiá e Ayoluwa – a alegria de nosso povo. As leituras foram realizadas com mediação do professor pesquisador, o que suscitou alguns debates em torno dos temas explorados nas narrativas, em geral, relacionados aos dramas vivenciados pela população negra brasileira.

Na próxima seção, apresentamos alguns dados biográficos da escritora Conceição Evaristo e sua importância para a literatura brasileira no contexto atual. Posteriormente, discutiremos sobre a experiência vivenciada com os estudantes participantes da pesquisa e da aplicação da sequência didática.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

1. Conceição Evaristo: A escrita das vivências

Conceição Evaristo nasceu em 29 de dezembro de 1946, na capital mineira, Belo Horizonte. De família afrodescendente, de parentela humilde, sua mãe teve vários filhos, e desde muito jovem, Conceição ajudava a mãe e as tias em suas ocupações rotineiras, como a lavagem de roupas. Aos oito anos, teve seu primeiro emprego como empregada doméstica, e, ao longo do tempo, outros foram surgindo. No Brasil, a principal referência de trabalhadoras domésticas recai sobre as mulheres negras. Historicamente, é perceptível que o trabalho doméstico em nosso país é exercido, fundamentalmente, mulheres com mais melanina na pele. Assim, as experiências relatadas nas obras de Evaristo dificilmente seriam escritas por mulheres brancas que nunca vivenciaram, na pele, a junção das opressões de raça, classe, gênero e território. Outro aspecto de relevância em sua obra dialoga de perto com o Brasil atual, que retorna ao Mapa da Fome, segundo estatísticas das Nações Unidas. A escassez de comida e os perigos da vida, estampados com determinação nos contos de Evaristo, ficam patentes, esboçando um retrato realista do cotidiano de muitas brasileiras, de forma mais acentuada entre as mulheres pretas, que enfrentam o dilema das dificuldades para alimentar seus filhos.

Figura 1. A escritora Conceição Evaristo.

Fonte: commons.wikimedia.org. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:ConceicaoEvaristo_\(cropped\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:ConceicaoEvaristo_(cropped).jpg)



Essa dura realidade não foi diferente para boa parte das mulheres da família de Conceição Evaristo. Ainda jovem, ela viveu um período ao lado da irmã mais velha de sua mãe, Maria Filomena, casada com Antônio João da Silva. Seu tio era pedreiro, e a tia, lavadeira de roupas, assim como sua mãe. Evaristo costuma dizer que não foi uma criança cercada de livros, mas era cercada de saberes e histórias que eram contadas por sua mãe e por tias. Além disso, “ouve histórias narradas pelos mais diversos habitantes da favela, que habitam os becos da sua memória-criança, quando vivia em Belo Horizonte” (Maringolo, 2017, p. 123). Aprovada para o magistério em 1973, muda-se para o Rio de Janeiro, cidade em que sua vida acadêmica ganha impulso. Defendeu sua tese de doutorado em 2011, na Universidade Federal Fluminense (UFF). (Brasil Escola, 2021).

Na construção de suas obras e na composição de suas personagens, Evaristo apoia-se predominantemente na memória do povo negro e a na diáspora africana. De acordo com Maringolo (2017), para a autora, a literatura afro-brasileira corresponde a um espaço quilombola por excelência, em que os sujeitos, criadores e narradores de seus discursos, libertam a palavra poética, instaurando um espaço de resistência.

Com a elaboração de suas personagens, Conceição Evaristo estabelece uma intersecção entre a vivência, a experiência das personagens e sua própria experiência de vida, isto é, os agora aspectos que marcaram e moldaram sua vida como mulher negra na sociedade. Essa criação estética corresponde ao que Evaristo convencionou chamar de *escrevivência*. Para Evaristo, tanto sua literatura como a de outros autores como ela, a literatura afro-brasileira concebe um corpus que expressa uma multiplicação de vozes sobre os fatos históricos, ressignificando o discurso oficial, tendo como arcabouço teórico a experiência desses sujeitos negros da sociedade. Maringolo (2017, p. 124) comenta que:

a poética da *escrevivência* significa escrever sobre a vida, abarcando a experiência múltipla e diversa dos afrodescendentes; significa também utilizar retalhos de memórias para a construção das narrativas. Apoiada em sua vida, Conceição Evaristo confunde, inventa, cria e recria o material narrativo para a construção das narrativas.

p. 7

De modo simples, a *escrevivência* pode ser entendida como contar uma história a partir de um ponto de vista individual, mas que ascende a uma coletividade. Trata-se de um conceito que pode ser concebido tanto como um processo de representação quanto como de autorrepresentação (Brasil Escola, 2021). Representação que remete ao povo negro, em especial às mulheres negras, e que, assim, é também parte da vida da própria escritora. Nesse sentido, escrever, publicar, corresponde a um ato político e de resistência que, especialmente no caso das mulheres negras, expõe, por meio da palavra, uma trajetória da comunidade ligada à diáspora africana, que a história, como ciência, não rara, costuma desprezar. De acordo com Evaristo (1996), a literatura afro-brasileira busca modos de enunciação positivos do sujeito negro, ou seja, tem efeitos de libertação e valorização dos atributos da negritude. Para Cuti (2010), a literatura negro-brasileira constitui um ato de resistência ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança estético-ideológica.

Em outras palavras, ao apropriar-se da criação estética sob uma perspectiva de experiência da pessoa negra, conferindo às personagens um espaço de protagonismo, tornar-se autor, escritor e narrador de suas experiências e de sua história, convergem a escrita em um ato político que vem de encontro ao que o projeto colonial predetermined. Nesse sentido, a escrita constitui um ato de descolonização (Kilomba, 2019). Assim sendo, a utilização de nomes africanos nos contos de Conceição Evaristo, e de outros nomes que fazem referência à língua e à cultura Iorubá, servem para reafirmar a identidade negra e a herança africana em nossa cultura. É uma forma de reconhecer e valorizar nossa diversidade cultural, desconstruindo a ideia de uma influência cultural predominantemente eurocêntrica.

Gomes (2021, p. 21) discorre sobre a importância do movimento negro brasileiro nesse processo como um ator político, visto que “ele organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo de sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva”. De fato, os saberes produzidos pela comunidade negra integram uma perspectiva humanizadora e emancipatória. Concordemente, ao pensar na formação do leitor literário na

p. 8

educação básica não podemos prescindir da literatura afro-brasileira visto que esta se mostra útil para entender, sob outro prisma, nossa realidade racial e social, valorizando a diversidade de nossa cultura e os saberes emancipatórios da comunidade negra. Concordamos com a afirmação de Ribeiro (2019, p. 64), ao afirmar que “se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas”.

Outrossim, torna-se pertinente destacar alguns títulos da produção literária de Conceição Evaristo, a saber, a obra *Ponciá Vicêncio*, romance publicado em 2003; *Becos da memória* (2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* – contos (2011); *Olhos D'água* - contos (2014), obra que lhe granjeou o Prêmio Jabuti em 2015; *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), que reúne contos e novelas; *Canção para ninar menino grande* – romance (2018).

Toda essa diversidade, fruto de produção da escritora, confirma a observação de Bernd (2010) de que as vozes femininas têm contribuído sobremaneira para o amadurecimento da literatura afro-brasileira, por meio da apresentação de personagens negras em seu labor cotidiano, nos diálogos entre mãe e filha, que transmitem a herança dos substratos culturais africanos, pois, graças a essas trocas entre mães e filhas, essa cultura resistiu e embasa hoje a identidade negra, fundamento da literatura afro-brasileira. Conforme Bernd (2010, p. 3),

oriundas de uma cultura de base oral, as comunidades negras no Brasil deixaram marca indelével em nosso cancioneiro e na MPB; a emergência de poemas e contos, cuja publicação vem se tornando contínua desde os anos 1970, é reveladora da migração da voz à letra – o que não representa de modo algum a negação do valor da oralidade (voz), mas desejo de (re)construção do identitário também no domínio da escrita (letra).

p. 9

Por conseguinte, é importante destacar que, ao longo da história, diferentes povos classificaram a si mesmos e a outros a partir de uma concepção hierarquizante. Por isso, ao tentar compreender, problematizar e debater a cultura negra, não podemos ignorar a existência do racismo e da desigualdade entre negros e brancos na sociedade brasileira. Assim sendo, a escola deve atuar como um espaço em que o debate sobre as questões que afetam a população negra brasileira seja realizado, com o intuito de superar preconceitos e outras formas de agressão e violência, tendo em vista que, em uma sociedade racista, várias estratégias colaboram para a manutenção da discriminação do negro.

À vista disso, unimos nosso pensamento ao de Gomes (2003, p. 77) ao afirmar “que tratar, trabalhar, lidar, problematizar e discutir sobre educação e cultura negra no Brasil é assumir uma postura política”. As relações culturais e sociais entre negros e brancos em nosso país não podem ser pensadas como harmoniosas, democráticas e diluídas nas questões socioeconômicas. Por isso, como educadores, precisamos tornar a escola um espaço de representação da cultura afro-brasileira, o que inclui a literatura e o prestígio de autores e intelectuais negros, conferindo visibilidade às contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural não só de nosso país, mas de toda a humanidade.

Na próxima seção, apresentamos um relato da experiência vivenciada com o grupo de estudantes participantes desta pesquisa, por ocasião da aplicação da sequência didática, o que incluiu a leitura e a realização de atividades a partir de quatro contos selecionados da obra *Olhos d'água*.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

2. A hora da leitura

Foram escolhidos quatro contos para leitura em sala de aula. O primeiro tem o título que dá nome ao livro de Conceição Evaristo, *Olhos d'água*. Nesse conto, temos uma narradora-personagem que se sente angustiada com uma inquietante pergunta: “Qual seria a cor dos olhos de minha mãe?”. No fundo, a resposta a essa pergunta encontra-se sufocada em experiências que, arriscamos dizer, estão recalcadas em sua memória. A pergunta insistente faz emergir memórias de infância, que carregam consigo experiências de amor, mas, sobretudo, de dor.

Primeiro, aparece a brincadeira de pentear uma boneca negra e bela, papel desempenhado pela mãe, que fica rodeada pelas filhas. Tal brincadeira resulta na descoberta de uma verruga que é confundida com um carrapato! A tentativa de arrancar o bicho da cabeleira provoca uma situação de muito riso entre o grupo das sete irmãs, em redor da mãe.

Há também a lembrança das crianças que andavam nuas até bem grandinhas, sendo que às meninas eram providenciadas roupas adequadas antes dos meninos, tão logo os seios começavam a brotar. A pobreza da família não se limitava à vestimenta, mas alcançava quase tudo na rotina familiar da casa, cujo contexto nos permite inferir que era mantida pela mãe, que não contava com ajuda de mais ninguém, inclusive, sem auxílio do pai das meninas. Este não é sequer mencionado na narrativa.

Comida na mesa? Em suas lembranças, a protagonista lembra que da panela não subia cheiro algum. “Era como se cozinhasse, ali, apenas nosso desesperado desejo de alimento”. No final da tarde, as nuvens do céu eram objetos das brincadeiras, vistas como animais ou até algodão doce, que eram distribuídos em pedacinhos pela mãe nas bocas das meninas. E, nos dias de fortes chuvas, preces eram dirigidas à Santa Bárbara, a Yansã, que controla os ventos, haja vista o temor do barraco da família desabar.

Decidida a reencontrar a mãe e contemplar a cor de seus olhos, a personagem narradora volta à sua terra natal. O encontro com a mãe é marcado por lágrimas e forte emoção. “Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água” (Evaristo, 2020, p. 18).



Os estudantes acompanharam em silêncio a leitura do conto, que foi realizada por mim. Foi um momento que envolvia expectativa, pois inaugurava, de modo prático, o início dos trabalhos com foco na leitura. A leitura do conto exerceu um certo espanto, pois os temas envoltos na narrativa apresentam vínculos com a realidade que muitos estudantes da escola pública vivenciam, em especial os relativos às dificuldades financeiras. Alguns comentários que se seguiram foram:

Caio: o conto é um pouco triste, mas, ao mesmo tempo, é alegre. Fala da convivência entre mãe e filha de uma forma muito bonita.

“É uma família só de mulheres pobres, uma família grande”, disse uma aluna. A fome foi um aspecto mencionado como um problema muito atual em nosso país. Lembraram que, durante a pandemia, muitas famílias enfrentaram situações difíceis, e que algumas pessoas disputaram, inclusive, ossos de animais descartados por grandes supermercados. As marcas da pandemia ainda estavam muito vivas nas memórias dos discentes; alguns enfrentaram dificuldades financeiras e perdas de entes queridos na família.

O acesso à moradia digna foi apontado como um problema social persistente na sociedade brasileira. Comentamos sobre favelas que são conhecidas no cenário nacional e que, além de construções precárias, escondem uma realidade social de pessoas que se tornam “invisíveis”, pois algumas sequer possuem registro de nascimento. A pandemia acabou dando visibilidade para essas pessoas que, em alguns casos, não conseguiram obter auxílio de programas do Governo Federal devido, entre outras coisas, à falta de documentação.

O debate evoluiu para questões religiosas a partir da pergunta que lancei a eles sobre as personagens: como elas lidavam com os perigos de tempestades e chuvas, que ainda hoje afligem moradores que habitam comunidades caracterizadas como favelas?

“Ela fazia orações à Santa Bárbara”, disse um aluno. Comentei que, nas religiões de matrizes africanas, Santa Bárbara corresponde à orixá Iansã, controladora de eventos climáticos, como tempestades, ventos e raios. Esse momento do debate foi valioso no sentido de desmistificar um pouco as religiões africanas, os nomes atribuídos às suas divindades e discutir o preconceito religioso que envolve essas religiões. Além disso, apresentei ao grupo uma proposta de atividade em que eles teriam a oportunidade de produzir suas próprias escrituras. As produções ofereciam a liberdade para escrever crônicas, relatos pessoais e pintura. Na sequência, é possível conferir algumas dessas produções.

p. 13

Figura 3. Minha mãe tem olhos cor de olhos d’água. Fonte: dados da pesquisa.



É curioso como a aluna, com muita espontaneidade, valoriza aspectos físicos de uma mulher negra em seu trabalho. O cabelo, o tom de pele retinto, os lábios expressivos, todos esses elementos reunidos na identidade física da personagem mãe, que ganhou jovialidade por meio da visão da aluna, mas que, cuidadosamente, expressou os olhos com a cor de olhos d’água.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Colégio Estadual Marsomilto Alves Oliveira

Pesquisador: Inimar Santos Junior

Aluna: Martha Silva

Produção Textual

20/10/2022

Os olhos não veem, mas o coração sente

Qual é a cor dos olhos do meu pai? Por que ele se esconde dos meus olhos? São tantas perguntas a serem respondidas, mas eu só queria saber o que ele esconde por trás de seus olhos. Sempre que me encontro dispersa, imagino como seria encará-lo, sem receios, sem medo e com reciprocidade, ou seja, uma troca de sentimentos, como amor e afeto.

Olhei em seus olhos, até hoje, por apenas duas vezes, e só consigo lembrar de um olhar não verdadeiro; um olhar que não me trouxe segurança, conforto ou qualquer outra coisa que ele pudesse me fazer sentir. Meu pai não é um homem ruim, ele só não é um bom pai para mim. O que eu gostaria era poder olhar em seus olhos e sentir aconchego, amor e verdade, da mesma forma que outros filhos dele sentem.

O Dia dos Pais representa um desafio, pois passei a entender o quão importante seria olhar em seus olhos. Nas apresentações escolares, eu procurava, com olhos tristes, os seus, mas encontrava apenas os olhos castanhos de minha mãe. Seus olhos, cheios de sentimento, me confortavam naqueles momentos, manifestando seu amor e o seu melhor para mim.

p. 14



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Colégio Estadual Marsomilto Alves Oliveira

Pesquisador: Inimar Santos Junior

Aluna: Jade Abreu

Produção Textual

23/10/2022

Através dos meus olhos

Essa história teve início há muitos anos, quando minha mãe estava com 17 anos, por sinal, a mesma idade que eu tenho agora. Naquela época, minha mãe morava com minha avó-bisa. Visto que ela era a neta mais velha, sempre foi muito papricada. Aconteceu, nesse tempo, que ela veio a conhecer um rapaz, jogador de futebol. Ele ficou encantado por ela, coisa que não era muito difícil, visto que minha mãe demonstrava muita maturidade. No começo, ela nem se interessou por ele, mas, aos poucos, ele conseguiu conquistá-la e ganhar seu coração.

Então, começaram a namorar, e ela logo ficou grávida. Eles ficaram muito felizes e decidiram morar juntos. No entanto, depois de algum tempo, ele começou a mudar. Passou a sair de casa e a beber.

Passaram-se alguns meses, e chegou o momento de escolher o nome do bebê, o qual já sabiam que era uma menina! Sim, e essa é também a minha história!

Um livro com muitos nomes sugeridos para bebês foi trazido por um amigo de minha mãe. Ela, por fim, optou por um nome lindo que estava no livro: Lorena. Porém, depois de transcorrido certo tempo e encerradas algumas euforias, as coisas começaram a dar errado na convivência entre meus pais, e, por isso, eles se separaram. Então, minha mãe me deixou morando com a minha avó, a mãe dela, da mesma forma como um dia minha avó a deixou com a avó-bisa. Mas minha mãe não me deu para ela, e, todo final de semana, vinha me visitar. Meus pais também tentaram uma reconciliação, mas não deu certo.



CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Meu pai não era uma pessoa presente, talvez porque ele mesmo não tenha experimentado uma presença assim e nem tenha tido exemplos de bons casamentos para se inspirar. Afinal, não conseguiu ter um bom casamento com minha mãe. Ela o amava, mas seu amor-próprio sempre foi maior, e ela percebeu que eles não teriam um futuro bom juntos. Ela diz que ele foi o amor da vida dela, mas não o amor para a vida dela.

Com o fim da união, meus pais assumiram novas relações afetivas. Meu pai se casou, mas não temos muito contato porque moramos em cidades diferentes. Minha mãe se casou com meu padrasto quando eu estava com oito anos. Minha mãe diz que ele é o amor para a vida dela, pois está sempre presente.

Meu pai continua ausente em minha vida. Porém, nunca senti falta de um pai, porque meu padrasto sempre fez o papel de pai, e sempre vai ser meu pai.

p. 15

O crítico literário Antonio Candido (1999) atribui à literatura uma função humanizadora, colaborativa com a formação do indivíduo, possibilitando que o leitor incorpore à sua experiência mais profunda aquilo que o escritor lhe oferece como visão da realidade. As produções das alunas Martha e Jade apresentam elementos comuns de um mesmo drama que afeta a muitos jovens, a saber, lidar com a separação dos pais. As produções escritas das duas discentes demonstram que a leitura do conto Olhos d'água fez emergir um momento de reflexão sobre suas próprias experiências vividas, e suas escrivências evidenciam rastros de uma cultura machista que prevalece em diferentes níveis na sociedade, estampadas em seus textos no que se refere à responsabilidade para com a criação dos filhos. Com a dissolução da união parental, há um exacerbado afastamento da figura paterna da convivência com os filhos, que ficam, sobretudo, aos cuidados da mãe.

Evidentemente, a literatura não se aplica como instrumento para solucionar questões dessa natureza, bem como muitos outros dilemas que a sociedade humana enfrenta. Mas é inegável o valor da literatura no processo de compreender melhor o mundo e nossa realidade. Por exemplo, as leituras literárias realizadas neste estudo possibilitaram a estudantes como Martha a pensar criticamente sobre suas circunstâncias, seus sentimentos e, porventura, aceitar uma realidade que não pode mudar sozinha. Barthes (1995, p. 262) destaca a relevante singularidade da literatura ao dizer que “só se deve ensinar literatura”, visto que, por seu intermédio, é possível abordar todos os saberes. A partir da fruição literária, no exercício de leitura ficcional do conto, a discente se dispôs a confrontar sua própria memória de dor: “qual é a cor dos olhos de meu pai? Por que ele se esconde dos meus olhos?”

p. 16

Por sua vez, o relato da estudante Jade apresenta um ciclo que se renova. A mãe foi deixada para ser criada pela avó e então, na vida adulta, deixa igualmente sua filha com a mãe. Há uma certa tolerância, senão uma naturalização com o gesto de atribuir a prole aos cuidados da avó. Ao mesmo tempo, o papel do padrasto ganha o prestígio que costuma ser dado à figura do pai. Com isso, naturaliza-se o afastamento do pai que, em princípio, deveria manter sua presença, prestando apoio financeiro e emocional para o pleno desenvolvimento da criança. É certo que, social e culturalmente, o padrasto exerce um papel similar ao do pai. O que

intencionamos destacar é que se trata de uma realidade complexa, que não é indolor para a criança ou adolescente, conforme percebemos em suas escrivências. São pessoas e situações cuja escrita, assim como ocorre com a literatura afro-brasileira, constitui um ato de resistência diante da opressão imposta pela realidade.

Na aula seguinte, o conto escolhido para leitura trouxe um nome popular: Maria. A atmosfera que envolve o conto é mais densa e tensa. A personagem tipifica um perfil ainda muito comum entre as mulheres negras no Brasil, cujo exercício profissional acontece como trabalhadoras domésticas.

No enredo, Maria está em seu percurso de volta para casa após um dia exaustivo de trabalho, pois, na casa da patroa, havia acontecido uma festa no dia anterior. A patroa, generosamente, lhe ofereceu algumas sobras de alimentos que ficaram da festa. Maria recebeu uma gorjeta, algumas frutas que haviam enfeitado a mesa e um osso de pernil. Alegre, perguntava a si mesma se as crianças iriam gostar de melão, uma vez que os meninos nunca tinham experimentado a fruta.

Ao entrar no ônibus, Maria encontra seu ex-companheiro. Como era difícil continuar a vida sem ele. Por um momento, o casal compartilha lembranças do passado, sim, do filho que tiveram juntos. “E o menino, Maria? Como vai o menino?”. No fundo, Maria sabia o que o homem dizia. Ela, mesmo sem ouvir direito, compreendeu que ele enviava um abraço ao menino. Em seguida, o homem levanta rápido e seu comparsa, no fundo do ônibus, anuncia um assalto. Maria teme por sua vida, lembra dos filhos que estão em casa à sua espera. “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos?”. Os assaltantes desceram rápido do ônibus, mas um dos passageiros grita que: “aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (Evaristo, 2020, p. 41). Os passageiros passam a hostilizar Maria. O motorista tenta convencer a todos de que ela era uma mulher trabalhadeira, que todos os dias apanhava o coletivo para ir ao trabalho. Ainda assim, os passageiros enfurecidos não poupam Maria.

“Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos! A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão” (Evaristo, 2020, p. 42). Quando a polícia chega, seu corpo já está todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto poder dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço.

Antes de iniciar a leitura do conto, disse aos alunos que o título da estória era de um nome próprio feminino muito comum em nosso país. A turma não teve dificuldade em adivinhar que o nome era Maria. Iniciei a leitura e, ao mesmo tempo, consegui perceber como a narrativa, a tensão e o suspense do enredo envolviam os estudantes. Pareciam dominados por uma certa ansiedade que torcia para um final feliz da protagonista, Maria. Sabemos, no entanto, que não é bem isso que acontece. Apesar de a narrativa gerar uma expectativa de que talvez ocorra um escape, o final trágico da personagem prevalece.

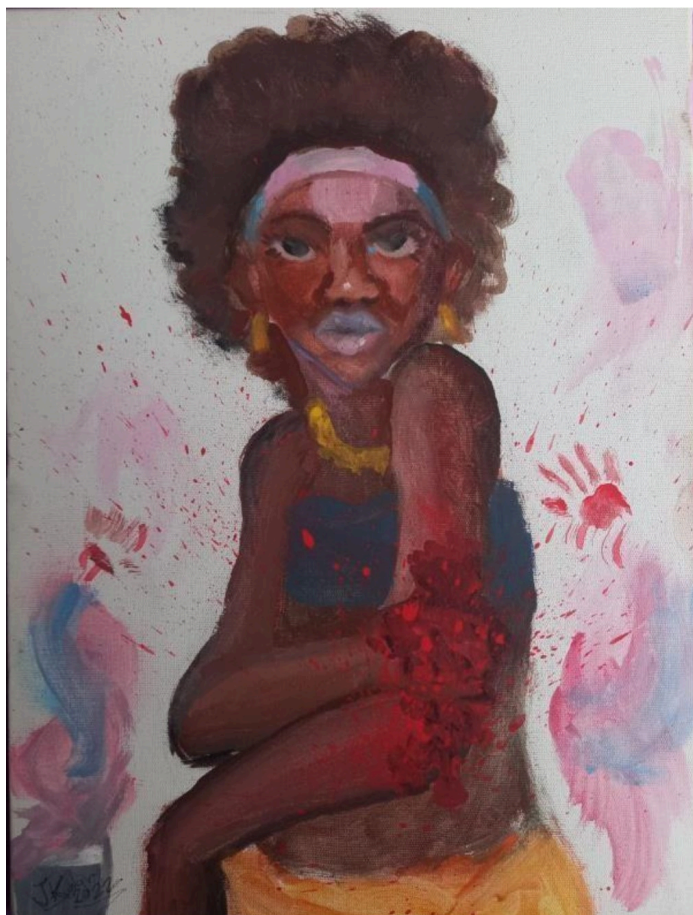


Ao concluir a leitura do conto, ofereci aos estudantes a oportunidade de comentar sobre o que quisessem. Estavam um pouco mudos diante do aspecto de realidade que a narrativa apresenta. Uma discente, Nara, disse em tom de brincadeira: “Não gostei! Não teve final feliz! E as crianças, e o melão... elas nunca tinham comido melão, oras!”. Outros manifestaram essa mesma opinião e lamentaram o fim trágico da personagem Maria. Em seguida, a questão racial vem à tona a partir do comentário de Laiz, ao afirmar que “se fosse uma mulher branca talvez não tivesse acontecido assim. As pessoas se precipitaram, acreditaram que ela tinha culpa, que estava com os ladrões, por isso agrediram ela”.

Com foco nas mulheres negras, discutimos brevemente algumas questões sobre racismo, preconceito racial, violência e a participação no mercado de trabalho. Orientamos um pouco a conversa segundo Ribeiro (2019, p. 22), que pergunta: “o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? [...] sobre a mulher negra incide a opressão de classe, de gênero e de raça, tornando o processo ainda mais complexo”. Outro fator considerado na aula foi a objetificação do corpo negro. De um lado, no que diz respeito aos homens, o estereótipo de virilidade e força. De outro lado, em relação às mulheres negras, forte discriminação, sexualização, alta participação no serviço doméstico sem garantias trabalhistas. Lembrei aos alunos que, na própria família de Conceição Evaristo, prevalecia uma tradição de trabalho doméstico entre as mulheres. Encerramos a discussão com um clipe da música de Milton Nascimento que homenageia a mulher brasileira: Maria, Maria.

Merece destaque entre as produções dos alunos sobre esse conto, a pintura do aluno Caio e uma produção de texto da aluna Cláudia Souza.

Figura 5. Maria. Fonte: dados da pesquisa.



A pintura em tela do aluno Caio apresenta um retrato autêntico da personagem Maria. O discente, que se dedica à pintura como hobby, se sentiu bem à vontade para expressar, por meio de sua arte, a forma como percebeu o universo da personagem. O forte impacto da imagem corrobora com a narrativa dramática do conto, marcada por um episódio de violência que acomete de forma trágica a personagem: Maria, mulher negra brasileira. Maria, Marias. Cuti (2010, p. 13) observa que “certa mordada em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte [...] A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado”. A leitura do conto Maria ofereceu a oportunidade para um franco debate sobre questões raciais, e o trabalho em tela do aluno Caio aponta para uma leitura crítica do enredo, visto que esboça uma denúncia de violência contra uma mulher negra e pobre, o que provoca uma reflexão em torno da problemática racial em nosso país, que se desdobra sob várias formas de agressão contra a população negra brasileira.

O aspecto simbólico em torno do nome Maria, sinônimo de mulher forte e guerreira na voz do cantor Milton Nascimento, ampliou a perspectiva em torno da personagem e, com isso, alguns produziram textos para homenagear alguma mulher, dentre tantas Marias, que também lhe servem de referência, modelo de confiança. É o caso da produção textual da estudante Cláudia Souza, que destacamos a seguir.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Colégio Estadual Marsomilto Alves Oliveira

Pesquisador: Inimar Santos Junior

Aluna: Cláudia Souza

Produção Textual

20/10/2022

A minha Maria

A minha Maria tem os olhos castanhos, os cabelos encaracolados e um sorriso deslumbrante, contagiante! É uma ajudadora em tudo o que é preciso, mas também dá conselhos e broncas quando necessário.

Se nos desentendemos, como ocorre ocasionalmente, e ficamos sem conversar, eu me sinto muito mal. Temos uma personalidade parecida, e isso gera alguns conflitos. Ainda assim, não ficamos muito tempo sem nos falar, pois não há nada que mude a relação que tenho com minha Maria.

Na verdade, eu a amo mais que tudo e, apesar das pequenas desavenças, meu mundo não existe sem ela. Minha Maria me ensinou tudo, menos a viver sem ela. A minha Maria é a minha mãe.

p. 21

O que é importante destacar em relação à produção textual da discente é sua interação com o texto literário e a disposição para reconstruir a narrativa sob uma perspectiva mais afetiva, buscando esses espaços a partir de leituras anteriores, como o conto Olhos d'água, e do embalo da música de Milton Nascimento, vista como um louvor em homenagem à mulher brasileira. Por isso, a forma tão especial como ela fala sobre sua mãe no texto, referindo-se a ela como sendo "minha Maria". Esta não oferece apenas o tão esperado zelo e amor, mas também se indigna e dá broncas quando necessário. Apesar de relativamente curta, a produção de Cláudia evidencia marcas de interatividade com a linguagem estética literária, manifestadas em sua recepção do texto e em sua atividade discente com a escrita. Essa reação sensível ao conto aponta para a relevância que a literatura afro-brasileira assume no processo de formação do leitor literário na educação básica, pois "pela leitura sensível da literatura, o sujeito-leitor se constrói".

Um dos acontecimentos mais marcantes do ano de 2022 foi a eleição para presidente do Brasil, que aconteceu em dois turnos. A polarização política experimentada pelo país ao longo do ano foi marcada por notícias falsas nas redes sociais; dúvidas e ameaças sobre o sistema eleitoral, com acusações sem provas sobre a confiabilidade e credibilidade das urnas eletrônicas; e investidas que buscaram fragilizar instituições democráticas, inclusive a Suprema Corte, ou que foram vistas como ameaça contra a estabilidade do Estado democrático nacional. Aos brasileiros e brasileiras restava apegar-se à esperança de ao menos sair de uma rota que parecia aumentar o fosso da desigualdade, da pobreza, da fome e do descaso com o meio ambiente. Por isso, escolhemos a leitura do conto Ayoluwa – a alegria de nosso povo, que destaca a renovação da esperança de uma comunidade. A leitura do conto aconteceu no início da semana que sucedeu o resultado do segundo turno das eleições presidenciais.

p. 22

O conto Ayoluwa é o último da coletânea Olhos d'água. É uma narrativa que se acomoda em pelo menos dois grandes eixos, a saber: a consciência histórica da degradação dos modos de sociabilidade negra, em resultado da marginalização econômica e cultural dos afrodescendentes brasileiros; e a projeção de uma utopia de renascimento do povo negro e a revitalização de sua cultura. De acordo com Jesus e Junior (2021, p. 114), “trata-se, pois, de um objeto estético e, ao mesmo tempo, político, que assume na luta, também literária e política, por um lugar na cultura e na sociedade brasileiras”.

O conto mobiliza um procedimento de memória e resistência que irá predominar ao longo da narrativa, em que nomes africanos têm o seu significado reforçado com a tradução em português. É o que acontece já a partir do próprio título, que apresenta um nome próprio em iorubá, Ayoluwa, cuja tradução equivale à alegria de nossas pessoas. Esse procedimento é usado pela narradora ao nomear as demais personagens: Bamidele, a esperança; Moyo, o que trazia boa saúde; Sele, a mulher forte como elefante, e outros.

Trata-se de uma narrativa estruturada em uma concepção binária, dividida em um antes e um depois do nascimento da menina Ayoluwa. Os eventos anteriores correspondem a um período de desalento que abateu a comunidade, resultando em morte para muitos de seus habitantes. “Todos estavam enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes [...] E até eles, os moços, começaram a se encafiar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes” (Evaristo, 2020, p. 112). A vida no povoado abrigava um estado de desesperança, cuja marca era representada pela infertilidade e pela falta de nascimentos na comunidade. Nesse sentido, a perspectiva de chegada de uma nova vida, noticiada pela gravidez da jovem Bamidele, a esperança, assinala uma atitude de resistência coletiva, pois o enfrentamento dos infortúnios do mundo exige um grau de alegria e esperança, potências que viabilizam a sobrevivência e a superação de problemas. A descrição da narrativa que sucede o anúncio de Bamidele lembra o conceito de Paz (1982) sobre o poema, isto é, algo que vai além da linguagem, que tem o poder de nos tocar e emocionar. Encontramos tudo no conto Ayoluwa: desalento, sofrimento, morte, vida, alegria, esperança e poesia.

A discussão pós-leitura ofereceu a oportunidade de discutir com os estudantes vários assuntos relacionados ao contexto do enredo e ao momento sociopolítico do país. Destaquei os nomes das personagens e sua importância na construção do enredo; o foco narrativo; e realizamos uma analogia referente ao antes e depois do nascimento de Ayoluwa com o antes e depois do período crítico da pandemia. Alguns comentaram sobre o elevado número de mortes, perdas na família, e, finalmente, o alívio de retornar para a escola.

Sobre as personagens do conto, a aluna Bia observou que achou interessante “mostrar os nomes e os significados para, então, ir construindo a estória”. Outros comentários pertinentes realizados pelos discentes estão destacados a seguir:

Caio: “o conto parece ter duas partes. O nascimento da criança trouxe de volta a esperança para os habitantes daquele lugar”.

Lúcia: “os habitantes daquele lugar, os velhos e os mais jovens, pareciam sofrer de depressão”. Essa discente fez um comparativo da narrativa com o novo quadro político que se desenhava no país com o resultado das eleições, que para ela representava um esperança. Um pequeno texto foi produzido por ela, no qual fez questão de detalhar um pouco mais sobre suas esperanças.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Colégio Estadual Marsomilto Alves Oliveira

Pesquisador: Inimar Santos Junior

Aluna: Lúcia Vieira

Produção Textual

03/11/2022

O esperar de cada manhã

A esperança vive em nós! Li em um dicionário que a esperança é um “sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisas boas”. Eu tenho minhas esperanças para o mundo em que vivemos e espero um dia poder ver tudo realizado.

Quase todos depositam suas esperanças em algo: mudar sua situação de vida, ver o mundo melhorar; a esperança de ver a pobreza e a fome acabarem; a esperança de que o preconceito seja completamente extinto, eliminado, e que as pessoas se sintam realmente livres para bem-viver suas vidas.

Algumas de minhas boas esperanças incluem poder viver um amor sem medo algum de ser agredida; entrar nas lojas e não ser julgada pela minha cor; a esperança de ter boa saúde e viver muitos anos. Afinal, o esperar é o que nos motiva a levantar a cada manhã com a expectativa de que algo melhor possa acontecer. Quanto a você, diga-me: quais são as suas esperanças?

Ayoluwa foi um conto de fácil aceitação; os alunos apreciaram a construção do enredo e acharam muito interessante o uso de nomes próprios e outros termos de origem africana, bem como sua tradução. Essa perspectiva autoral da narrativa lança luz sobre nossas raízes africanas e modos afro-brasileiros de dizer. Nesse sentido, a narradora “assume a função de porta-voz da história de sua comunidade/seu povo – o que implica o pertencimento a uma identidade” (Jesus; Junior, 2021, p. 117). Alguns alunos perguntaram se seus próprios nomes não teriam um significado especial; também ficaram satisfeitos com o final feliz do enredo e com a conversa que tivemos sobre ter esperança, apesar de enfrentar dificuldades.

Os estudantes participantes desse estudo são adolescentes com realidades diversas, por exemplo, no aspecto econômico, na vida familiar e nas responsabilidades individuais. Mas se aproximam muito em relação aos dilemas pessoais, aos sonhos e mesmo aos conflitos que eventualmente vivenciam em família. O conto Ayoluwa foi útil para pensar todas essas questões com uma postura de esperar dias melhores.

O conto escolhido para a última etapa da sequência didática coincidiu com a aproximação do fim do ano letivo, já anunciando um período de recesso escolar e festas natalinas. Lumbiá é o que podemos chamar de um conto de Natal. E, como a época natalina bem se destaca, há espaço para um misto de sentimentos e acontecimentos marcados não só por alegrias, mas também por algumas tristezas. E é exatamente isso que o protagonista que dá nome ao conto irá performar no enredo.

Lumbiá é um moleque esperto, um típico garoto pobre de periferia, que logo cedo na vida, aprende que trabalhar e brincar são quase sempre faces de uma mesma moeda. Sim, Lumbiá é o que ironicamente poderíamos chamar de pequeno empreendedor, ou melhor, pequeno trabalhador que auxilia a mãe com a venda de guloseimas pelas ruas. No entanto, sua mercadoria favorita para venda são as rosas, oferecidas aos clientes sempre com muito estilo e elegância. Lumbiá gostava de observar os casais e suas trocas de carinho; escolhia sempre o melhor momento para apresentar aos enamorados as flores.

p. 26

Em certas ocasiões, Lumbiá simulava um choro para comover seus potenciais clientes. O choro que começava de forma dissimulada, por vezes, se convertia em uma experiência concreta de tristeza que se arraigava àquela vida difícil, marcada por mágoas. Lumbiá era uma criança deixada solta, desassistida, mas valiosa pelo lucro que produzia. O garoto tinha um fascínio pelo advento do Natal e pela imagem mais representativa desse período: o presépio com a imagem de Deus-menino.

No conto, acontece a divulgação de uma notícia que desperta o interesse de Lumbiá. A loja Casarão Iluminado havia armado o mais bonito presépio, mas as crianças só podiam visitar a loja para ver o presépio acompanhadas por um responsável. Lumbiá já havia visitado todos os presépios da região em que costumava trabalhar, mas precisava por tudo contemplar a imagem do Deus-menino exposta pelo Casarão Iluminado. Entretanto, já na véspera de Natal, Lumbiá ainda não conseguira ver o tão desejado presépio. Assim sendo, decide entrar de forma sorrateira, invisível aos olhos do segurança da loja. Fica tão deslumbrado com a imagem natalina que decide apanhá-la e levá-la consigo, e assim foge correndo em direção à rua. Mas o segurança percebe e tenta impedir. A cena final do conto descreve a fuga de Lumbiá em direção à rua sendo perseguido pelo segurança da loja. Então, “o sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu!” (Evaristo, 2020, p. 86).

Lumbiá é mais um conto da coletânea que emociona, envolve e cativa o leitor por meio de uma personagem que percebemos excluída e vivenciando uma rotina paradoxal em relação à sua faixa etária. Ao longo da leitura em voz alta que realizei, os alunos emitiram brados com risadas, palavras e reações que indicavam aprovação do jeito malandro de Lumbiá. Mas ficaram desapontados com seu final trágico. Esse foi um dos contos de maior participação dos estudantes em oferecer comentários. Tive a impressão de que estavam mais à vontade e seguros para participar; notaram que suas observações eram importantes para enriquecer a aula e que as perguntas que eu eventualmente fazia não eram aguardadas por uma “resposta correta”.

p. 27

A euforia manifestada pelos discentes com o personagem Lumbiá, no início, foi se transformando, ao longo da leitura do conto, em um sentimento de apreensão, talvez temendo um final infeliz para Lumbiá. E o desfecho do conto confirmou isso. O desfecho trágico fez eclodir alguns comentários dos estudantes logo após a leitura:

Lara – “poderia ter tido outro desfecho; ficaram algumas lacunas sobre o que aconteceu às outras crianças”.

Joana – participou dizendo que “o final é triste; a estória retrata a realidade de muitas crianças que trabalham manobradas pela família”.

Camila – “as pessoas sempre morrem, o final é triste. Retrata a realidade social”.

Os comentários dos discentes também focaram em outros temas. Por exemplo, Aline perguntou: “será que a mãe dele trabalhava? Os pais eram muito ausentes de sua vida”. Uma outra aluna acrescentou, dizendo que “Lumbiá esperou tanto para ver a imagem, o presépio... Se a mãe tivesse ido com ele, talvez não acontecesse o acidente”. O personagem Lumbiá foi visto como livre de preconceitos por alguns alunos. “Ele gostava de observar os casais semelhantes... ele não tinha nenhum tipo de preconceito”, foi um comentário que se repetiu.

Portanto, o conto Lumbiá obteve uma recepção animadora por parte dos alunos, em especial na introdução. Por outro lado, os discentes lamentaram a má sorte e o trágico fim do personagem ao final do enredo. Esse contentamento descontente lembra o que Barthes (1987, p.21) pondera sobre prazer e fruição do texto. “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia [...] está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado)”. Trata-se de uma experiência que advém da fruição literária que conduz a uma realidade que não podemos ignorar: as desigualdades que marcam nossa sociedade e afetam adultos e crianças. Essa é a realidade que Conceição Evaristo faz emergir em suas narrativas.

p. 28

Depreendemos, a partir dos comentários dos estudantes, que Lumbiá se mostrou um personagem bastante verossímil. Isso porque personaliza um perfil social muito parecido com a realidade que lidam em seu cotidiano, o que envolve, inclusive, a necessidade de ingressar de forma precoce no mercado de trabalho e colaborar com as despesas da família.

Finalizando o estudo desse conto, sugeri uma atividade aos alunos: produzir um texto sobre sua celebração favorita ou escrever uma releitura do conto Lumbiá. Em uma dessas releituras, Lumbiá enfrenta as mesmas dificuldades para ver a imagem do Deus-menino, mas acontece um “milagre de Natal” e ele sobrevive ao atropelamento. Outros textos apresentaram relatos de celebrações preferidas pelos discentes. Natal e Réveillon apareceram com maior expressão. Essas comemorações ganharam uma perspectiva positiva nos relatos, destacando a união das famílias e o clima de otimismo e alegria que costuma marcar essas datas. Um dos discentes, Davi, escreveu que “essas datas são muito importantes para mim, pois além das comidas gostosas a família toda se reúne”.

A seguir, apresentamos na íntegra uma das produções de texto sobre o conto Lumbiá. O que vale a pena destacar a respeito dessas produções é a abertura e disposição que os discentes demonstraram para revisitar suas memórias afetivas, refletir sobre o sentido que diversas festividades assumem em nossa vida, as influências que essas celebrações recebem de outras culturas e a importância que ganham na construção de nossa identidade como pessoa, bem como na coletividade. Da mesma forma que absorvemos e construímos conceitos considerados positivos no âmago da interação social, é necessária ação e determinação para a desconstrução daqueles que oprimem, excluem e inferiorizam, sejam pessoas ou culturas historicamente discriminadas.

p. 29



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Colégio Estadual Marsomilto Alves Oliveira

Pesquisador: Inimar Santos Junior

Aluna: Marina Mendes

Produção Textual

20/10/2022

O Natal

Natal não é somente uma data comemorativa, mas representa o nascimento de Jesus Cristo, apesar de muitas pessoas se importarem apenas com as festas e acabarem se esquecendo do verdadeiro significado dessa celebração.

Na maioria das vezes, essa é a ocasião em que as famílias se reúnem para comemorar juntos o Natal, momento que acompanha troca de presentes e reflexão sobre os valores cristãos. Presentear nessa época é praticamente um costume mundial, o que beneficia muito as vendas no comércio, constituindo um dos períodos mais lucrativos do ano para a maioria dos lojistas.

Percebo o Natal como uma véspera de ser feliz, de mostrar gratidão pelo que sou, pelas boas notas e pelos passeios na escola, bem como pelos momentos de diversão com amigos e familiares. Vejo o Natal como uma oportunidade de ser grata por tudo que acontece de bom em casa e em outros lugares em que estou.

p. 30



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Colégio Estadual Marsomilto Alves Oliveira

Pesquisador: Inimar Santos Junior

Aluna: Natália Pires

Produção Textual

20/10/2022

Celebração de Ano Novo

O que há de mais importante no Ano Novo? Penso que é importante ser grato pelo que temos e buscar maneiras de ajudar o próximo. Também gosto de passar tempo com meus entes queridos, refletindo sobre o ano que vai terminando e estabelecendo metas para o novo ano que se aproxima.

No Ano Novo, podemos fazer resoluções com o objetivo de melhorar a nós mesmos e nossas vidas. Devemos ser positivos e pensar nas coisas boas que podem acontecer no ano seguinte. O melhor disso tudo é saber que as pessoas que eu amo estarão comigo, e poderemos fazer desse ano o melhor de todos, com nossas esperanças.

Não são todos que pensam assim, até porque muitos perderam a fé em um novo começo. Talvez não consigamos passar o Ano Novo com quem gostaríamos; tenham perdido pessoas da família ou moram distantes. Felizmente, o Ano Novo ainda é importante e especial para mim.

p. 31

As produções textuais das alunas Mariana e Natália, apesar de breves e com um conteúdo temático simples, apontam para o fato de que, na leitura literária, é possível oferecer ao leitor em formação a chance de experimentar, na sua fruição, algo semelhante à experiência de criação literária. As escrevivências do grupo de estudantes participantes deste estudo corroboram essa afirmação, visto que suas experiências de leitura literária interagiram com o processo de sua escrita textual, demonstrando, inclusive, um diálogo com suas próprias memórias, bem como uma atitude reflexiva sobre temas de relevância que permeiam a obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Com isso, não relutamos em confirmar que, de fato, a leitura de contos afro-brasileiros colabora com o processo de formação do leitor literário na educação básica e que, além disso, constitui leituras que participam de ações afirmativas educativas para uma formação humana antirracista, consciente e crítica, capaz de reconhecer que há humanidade na diversidade e que os saberes são igualmente plurais. Ao perguntar a um grupo de alunos de Educação Infantil o que significava escrevivência, Vitor, um aluno de seis anos, respondeu: “É escrever de nós”. Em outras palavras, a literatura afro-brasileira é fruição, mas também escrevivência.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

Considerações Finais

O compromisso com uma educação de qualidade não pode prescindir da importância dos aspectos que envolvem a formação do leitor literário na educação básica. Evidentemente, que não se deve esperar que apenas a escola protagonize esse desafio. Por exemplo, boa parte das crianças chega à escola conhecendo bem um aparelho celular, que, de certo modo, é a ferramenta que as inserem na cultura digital tão disseminada mundialmente, fonte importante de informações e entretenimento. De maneira análoga, não se deve preterir a leitura, a contação de histórias ou algum acesso a obras literárias na fase da pré-escola. Contudo, nem todas as crianças têm a oportunidade de manusear algum livro literário ou, quem sabe, ouvir algumas histórias de reis e rainhas antes de ingressar no ensino formal.

Então, o compromisso com a formação de leitores literários inicia-se em casa, mas é, certamente, na escola que esse gosto e as habilidades de seleção de boas obras, reconhecidas pelo valor estético da linguagem, ganham maior maturidade. Nesse processo, é fundamental a mediação do professor, que abre caminhos, descobertas, incentivos e espaços que conduzem a uma leitura autônoma, reflexiva, crítica, capaz de evidenciar aos jovens que a leitura literária pode ser tão especial, para não dizer essencial em nossas vidas e que ela constitui um direito. Nesse sentido, a contribuição que esperamos oferecer como forma de ampliar esse direito deu-se por meio do desenvolvimento de um trabalho que prestigiou uma escritora afro-brasileira, a partir de uma obra que dialoga com nossa diversidade cultural.

Prestigiar a alteridade afro-brasileira contraria o mito da democracia racial. De acordo com DaMatta (1984, p. 47), o que se pode indicar sobre o mito é precisamente “uma forma sutil de esconder uma sociedade que ainda não se sabe hierarquizada e dividida entre múltiplas possibilidades de classificação”, ou seja, uma lógica que torna a injustiça e a discriminação como algo tolerável.

Portanto, as respostas obtidas por meio dos questionários sobre os hábitos de leituras dos discentes, aplicados no início desse estudo; as leituras dos contos e atividades propostas, algumas delas presentes como escrituráveis neste e-book; bem como as discussões e debates realizados em sala de aula permitem afirmar que a leitura de contos afro-brasileiros constitui um gênero que colabora com o processo de formação do leitor literário na educação básica, possibilitando a ampliação do conceito histórico e cultural de nossa formação e ressignificando a importância da herança cultural africana em nossa história. Além disso, a literatura afro-brasileira oportuniza o debate crítico de temas que desafiam a sociedade brasileira, incluindo os estereótipos que recaem sobre mulheres e homens negros em forma de racismo, discriminação e violência. A desigualdade econômica, percebida nas dificuldades de moradias dignas enfrentadas pela população negra, bem como a falta de representatividade em posições de destaque nas empresas e na produção de conhecimento intelectual, evidencia um cenário permanente de exclusão, mesmo em um país em que mais da metade da população é negra.

Esse contexto de desigualdades solicita ações afirmativas que resistam à sua naturalização. A leitura de contos afro-brasileiros, como os percebidos na obra de Conceição Evaristo, oferece histórias que refletem a vida de boa parte da população negra no Brasil. É uma literatura engajada, fortalecedora da autoestima negra, que rompe com o silenciamento e o apagamento das vozes negras, tanto no campo artístico autoral quanto na representação das personagens e das narrativas construídas a partir da perspectiva de suas experiências, seus saberes, sua ancestralidade, suas vivências e escrevivências.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

Referências

BARTHES, Roland. Literatura/ensino. In: BARTHES, R. **O grão da voz: Entrevistas** (1962-1980). Tradução: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 262-263.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BERND, Zilá. Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 29-41, 2010. DOI: 10.11606/va.v0i18.50737. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50737>. Acesso em: 2 maio 2022.

BRASIL Escola. **Conceição Evaristo – Mulheres da literatura**. YouTube, 03 mar. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/KJ9zxrQQBSc>. 13min. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. **A Base Nacional Comum Curricular**.: bncc. BNCC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. A literatura como patrimônio de debates. In: P. Arnaud, & H. K. Martins (org.). **Linguagem, literatura e ensino** (pp. 43-59). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. 1999. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/293548066/Candido-A-a-Literatura-e-a-Formacao-Do-Homem>. Acesso em: 30 marc. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GILL, Claudine Faleiro. Poesia não é para compreender mas para incorporar: leitura-fruição de poesia nas aulas de português instrumental do IF Goiano – Campus Trindade. In: CECCANTINI, João Luís; WARZOCHA, Larissa; RIBEIRO, Renata Rocha (org.). **A literatura juvenil e seus leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2020, p. 15-31.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio- ago. Belo Horizonte: UFGM, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

JESUS, A. L. G; JUNIOR, A. F. Memória e resistência no conto Ayouwa, a alegria de nosso povo, de Conceição Evaristo. In: Rocha, A. L. C; SARMENTO-PANTOJA, T. M. P. **Caminhos da resistência**: memória, história e pós-colonialismo. Abaetetuba: UFPA, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo no cotidiano, 2019.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 16ª edição. Campinas – SP: Pontes Editores, 2016.

MARINGOLO, C. C. B. A escrivência de Conceição Evaristo no romance Becos da Memória: A literatura como espaço quilombola. In: KLEIN, Ana Maria; NIGRO, C. M.; GALINGO, M. A (org.). **Cultura afro-brasileira e racismo**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

PAZ, O. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAMIRES, Angelina Quinalia; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura no ensino fundamental na perspectiva da BNCC e a relação com a biblioteca escolar. Biblioteca Escolar em Revista, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 64–83, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2022.187811. Disponível em: <https://revistas.usp.br/berev/article/view/187811>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

Apêndice 1 – Planos de aula



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Plano de aula

Conto: Olhos d'água

Turma: 1º ano

Procedimentos da aula

1. A comunicação através dos olhos

Conversar com os alunos sobre as possibilidades de nos comunicarmos por meio dos olhos:

Vocês costumam reparar os olhos das pessoas? Já repararam, por exemplo, os olhos de sua mãe? Qual é a cor dos olhos de sua mãe?

O que os olhos podem “revelar” sobre uma pessoa, ou seja, que leituras podemos realizar sobre alguém a partir de seus olhos, de sua forma de olhar?

Quais são alguns ditados populares sobre o tema “olhos”?

Pimenta nos olhos dos outros é refresco

Cada um vê mal ou bem, conforme os olhos que tem

O que os olhos não veem, o coração não sente

Os olhos são as janelas da alma

2. Leitura

Ler o conto Olhos D'água

Perguntar aos discentes: Qual foi a resposta para a inquietante pergunta: Qual a cor dos olhos de minha mãe?

3. Pós-leitura

Espaço aberto para participação e comentários dos alunos a respeito da leitura: o enredo, a linguagem estética literária, os personagens, os sentimentos e as interações entre os personagens; bem como as experiências e memórias dos discentes.

4. Minha “escrevivência”: Proposta de atividade

Escolher uma das propostas.

Produção artística sobre o tema “Qual a cor dos olhos de minha mãe?”



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Produção de texto (crônica, conto): sobre a cor dos olhos de (alguém)?

p. 38



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Plano de aula

Conto: Maria

Turma: 1º ano

Procedimentos da aula

1. Mapa Mental: Maria – um nome popular

Perguntar aos discentes: Em sua família há alguém com o nome de Maria? Como é essa pessoa?

Construir um mapa mental na lousa a partir do que figura no imaginário discente sobre o nome Maria. Quais dessas características iremos observar na personagem criada por Conceição Evaristo?

2. Leitura

Ler, em voz alta, o conto Maria.

3. Pós-leitura

3.1 Espaço aberto para a participação e comentários dos alunos a respeito das leituras: o enredo, a linguagem estética literária, os personagens, os sentimentos e as interações entre os personagens; bem como as experiências e memórias dos discentes.

3.2 Ler a letra da canção Maria, Maria, composta por Milton Nascimento. Se favorável, exibir o clipe musical. Quem é e como é a Maria composta por Milton Nascimento?



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO



4. Minha “escrevivência”: Proposta de atividade

Escolher uma das propostas.

4.1 Produção artística: *Autorretrato*: Maria

4.2 Reescrita do conto de Conceição Evaristo (adaptação).

4.3 Produção de texto: História de uma Maria (poema, crônica, conto ou notícia sobre fatos do cotidiano)

p. 39



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Plano de aula

Conto: Ayoluwa

Turma: 1º ano

Procedimentos da aula

1. Introdução

Qual é o sentido da vida? Perguntas como essa são feitas, em geral, quando nos sentimos desanimados, talvez sem esperança quanto a algumas de nossas expectativas. A desesperança nos paralisa. Por isso, temos que “esperançar”, como diz Conceição Evaristo. Vamos ler um conto que evidencia essas duas situações: desesperança e esperançar!



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

2. Leitura

Ler o conto Ayouwas – Esperança de nosso povo

3. Pós-leitura

3.1 Debate

Como vocês perceberam as duas situações distintas nesse conto?

O que podemos inferir sobre o narrador desse conto?

É correto afirmar sobre essa história que, após o povoado renovar suas esperanças, todas angústias e temores se encerraram?

Espaço aberto para participação e comentários dos alunos a respeito da leitura: o enredo, a linguagem estética literária, os personagens, os sentimentos e as interações entre os personagens; bem como as experiências e memórias dos discentes.

3.2 Finalização: Clipe Banda Titãs – Enquanto houver sol



4. Proposta de atividade: Minha escrevivência

Produzir um texto (crônica, poema, relato pessoal) sobre o tema: **Esperançar perante desafios.**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CONCEIÇÃO EVARISTO: A LEITURA DE CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Plano de aula

Conto: Lumbiá

Turma: 1º ano

Procedimentos da aula

1. Festas e celebrações

Quando o assunto é festa e celebrações muitas pessoas se dispõem a fazer sacrifícios, inclusive financeiros. Com quais celebrações e festividades a maioria das pessoas se identifica? Quais são algumas das celebrações que temos em nosso estado? Quais as que você mais gosta?

Vamos ler um conto de Conceição Evaristo que apresenta uma personagem, Lumbiá, que gosta especialmente de uma celebração. Qual será? Que emoções essa festividade conseguirá despertar nele?

2. Leitura

Ler o conto Lumbiá.

3. Pós-leitura

- Discutir aspectos que circundam o Natal: consumo, solidariedade etc.
- Oportunidade para problematizar a questão do trabalho infantil no país.
- Os casais românticos apresentados no conto: qual é o olhar de Lumbiá sobre eles?

Espaço aberto para participação e comentários dos alunos a respeito da leitura: o enredo, a linguagem estética literária, os personagens, os sentimentos e as interações entre os personagens; bem como as experiências e memórias dos discentes.

4. Minha “escrivência”: proposta de atividade

Escolher uma das propostas:

- 4.1 Produzir um texto (crônica, poema ou conto) sobre sua celebração/festividade favorita.
- 4.2 Reescrita do conto Lumbiá, com final diferente (adaptação).

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.